



## Sustentabilidade do Capital Social no agroecossistema de Guilaze (Moçambique)

Idelton dos Santos Pedro Matsinhe\*

\**Mestre em Ambiente e Desenvolvimento Sustentável das Comunidades, Universidade Save, Massinga (Moçambique). Licenciado em Geografia na Universidade Save, Maxixe (Moçambique). Licenciado em Ciência Política e Relações Internacionais, Universidade Aberta ISCED, Maxixe (Moçambique). Docente de Geografia na Escola Secundária de Morrumbene (Moçambique). ideltondosantospedro@gmail.com. <https://orcid.org/0009-0002-5798-4015>*

*Histórico do Artigo: Submetido em: 22/10/2024 – Revisado em: 24/11/2024 – Aceito em: 02/01/2025*

### RESUMO

Em Moçambique a actividade agrícola é praticada por maior parte da população, nas zonas rurais em particular, sendo que a maior parte da população moçambicana localiza-se na zona rural onde a prática da agricultura de subsistência é a base para sua sobrevivência. O estudo visa contextualizar a sustentabilidade do capital social no agroecossistema de Guilaze. O estudo é exploratório e qualitativo, conduzido sob a forma de um estudo de caso. Os entrevistados foram seleccionados com recurso a amostragem não probabilística, através da técnica bola de neve e os dados colectados por meio de entrevistas, observação directa, reuniões realizadas junto aos agricultores do agroecossistema de Guilaze e complementadas com a análise de dados secundários. No agroecossistema de Guilaze, a agricultura é a principal actividade, gerando-se diversificados produtos agrícolas. Os resultados mostram que existência de relações entre agricultores permite perceber indícios da presença por um lado do capital social das obrigações, expectativas e lealdades, sendo que os agricultores se mostraram empenhados no fortalecimento e constituição dos laços e conexões e, por outro lado o capital social voltado para dentro que tende a fomentar interesses materiais, sociais ou políticos de seus próprios membros. O capital social no agroecossistema de Guilaze não é sustentável porque embora haja a coesão e o trabalho mútuo entre agricultores, não há um despertar dos agricultores para outros factores sociais como a formalização ou organização destes em associações ou cooperativas, benefícios sociais, garantia da aposentadoria, garantia de cuidados de saúde, educação, inserção dos jovens na produção agrícola, etc.

**Palavras-chave:** Sustentabilidade. Capital Social. Agroecossistema de Guilaze.

## Sustainability of Social Capital in the Guilaze Agroecosystem (Mozambique)

### ABSTRACT

In Mozambique, agricultural activity is practiced by the majority of the population, in rural areas in particular, with the majority of the Mozambican population located in rural areas where the practice of subsistence agriculture is the basis for their survival. The study aims to contextualize the sustainability of social capital in the Guilaze agroecosystem. The study is exploratory and qualitative, conducted in the form of a case study. Interviewees were selected using non-probability sampling, using the snowball technique and data collected through interviews, direct observation, meetings held with farmers in the Guilaze agroecosystem and complemented with secondary data analysis. In the Guilaze agroecosystem, agriculture is the main activity, generating diversified agricultural products. The results show that the existence of relationships between farmers allows us to perceive signs of the presence, on the one hand, of social capital of obligations, expectations and loyalties, with farmers showing themselves committed to strengthening and establishing ties and connections and, on the other hand, social capital inward-looking that tends to advance the material, social, or political interests of its own members. Social capital in the Guilaze agroecosystem is not sustainable because although there is cohesion and mutual work between farmers, there is no awakening of farmers to other social factors such as the formalization or organization of these in associations or cooperatives, social benefits, guaranteed retirement, guarantee of health care, education, insertion of young people in agricultural production, etc.

**Keywords:** Sustainability. Social Capital. Guilaze Agroecosystem.

Matsinhe, I. S. P. (2024). Sustentabilidade do Capital Social no agroecossistema de Guilaze (Moçambique). **Educação Ambiental (Brasil)**, v.5, n.3, p.11-20.



## 1. Introdução

A agricultura é a actividade económica indispensável na vida das comunidades moçambicanas no geral e rurais em particular, sendo que a maior parte da população moçambicana localiza-se na zona rural onde a prática da agricultura de subsistência é a base para sua sobrevivência. Mosca (2014), afirma que a agricultura familiar em Moçambique constitui a actividade económica que ocupa grande parte da população, podendo alcançar mais de 75% dos cidadãos (p. 3). Portanto esta actividade é praticada por maior parte da população, tendo como principais culturas: milho, amendoim, feijão nhemba, mandioca, coqueiros, cana de açúcar e hortícolas.

Moçambique (2012), acrescenta ainda que os pequenos e médios produtores de culturas alimentares, contribuem com mais de 90% da área total cultivada com culturas alimentares em Moçambique.

Vários documentos oficiais (por exemplo o Plano Estratégico de Desenvolvimento do Sector Agrário - PEDSA, e o Plano Nacional de Investimento do Sector Agrário - PNISA), referem-se aos agricultores emergentes como uma das opções de integração do pequeno produtor no mercado e aumento da produtividade.

É importante que neste processo produtivo exista o capital social que é criado pelos sujeitos sociais sem a intervenção jurídica ou exterior a convivência dos membros. assim, o processo produtivo no agroecossistema de Guilaze é desenvolvido por um grupo social formado com um conjunto de indivíduos onde se desenvolvem relações com base nos mecanismos formais e informais. Significa isto que, a perspectiva do capital social possui elementos tais como confiança, reciprocidade entre outras que nos permitirão operacionalizar na prática, bem como compreender e explicar o envolvimento, identificação e a pertença dos indivíduos face ao processo produtivo.

Para caracterizar o capital social no agroecossistema de Guilaze foram realizadas reuniões e a aplicação de entrevistas aos produtores sobre aspectos como o nível de organização social, a sua coesão, tomada de decisões, género, idade, pessoas de maior influência, confiança, o grau de reciprocidade, o exercício colectivo as instituições que confiam na prestação de serviço ou orientações, união, partilha de bens materiais, respeito, leis que regem o povoado de Guilaze.

Este estudo privilegiou uma pesquisa exploratória abordado de forma qualitativa porque se recorreu a observação directa e as entrevistas para a recolha de dados, bem como a reunião com os produtores do agroecossistema de Guilaze, o que permitiu uma melhor compreensão da realidade local do agroecossistema de Guilaze.

As entrevistas foram conduzidas pelo autor como um elemento de exploração de experiências, narradas em profundidade, com a finalidade de perceber a compreensão dos sujeitos sociais a respeito do fenómeno em estudo.

## 2. Material e Métodos

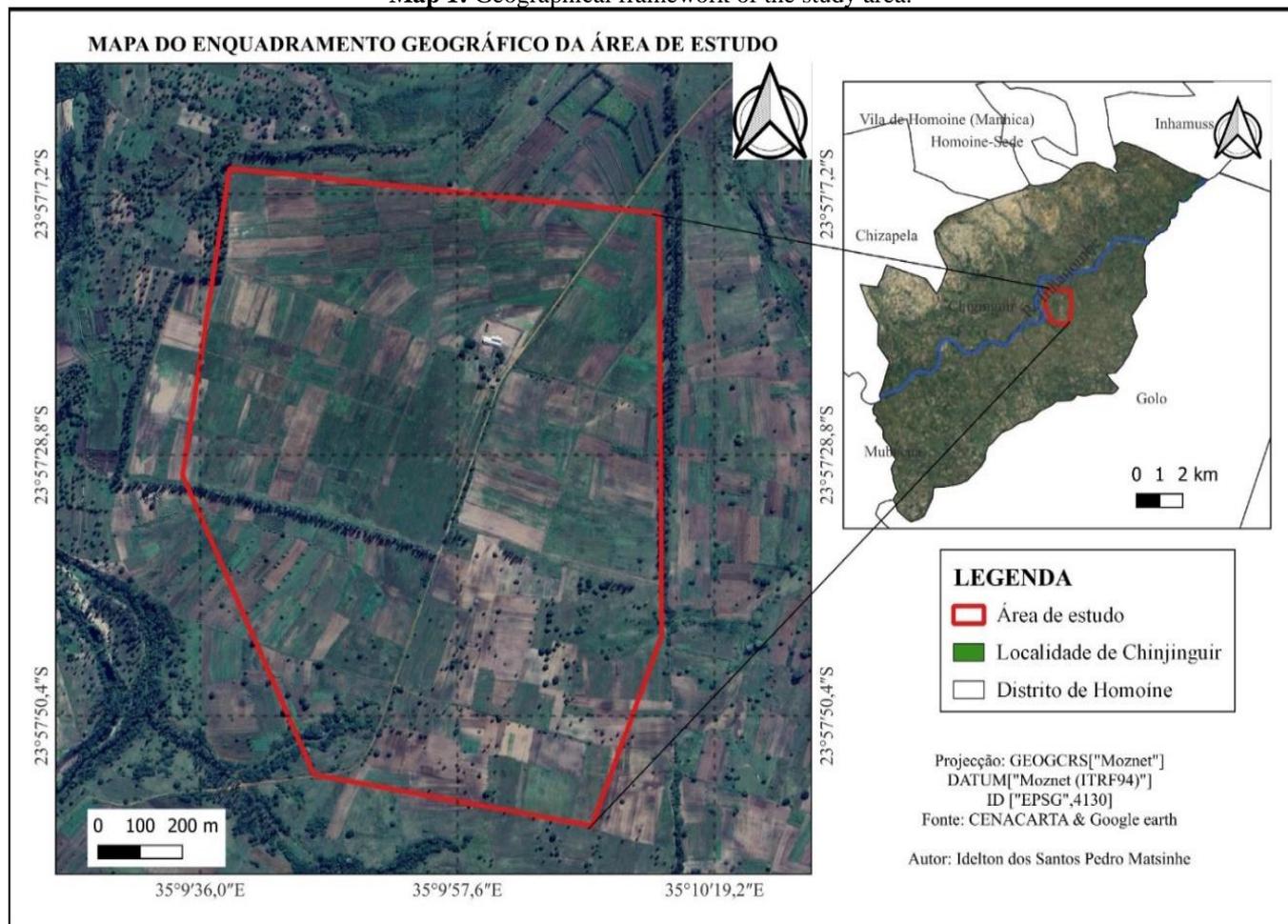
### 2.1. Localização da área de estudo

O povoado de Guilaze, é atravessado pelo rio Nhanombe e, constitui o espaço físico geográfico em que muitos agricultores do povoado de Guilaze praticam a agricultura.

o relevo da área de estudo é predominantemente de planícies. Também apresenta solos com uma boa estrutura, com alta capacidade de retenção de água, alta aeração de solo e são fáceis de trabalhar, fazendo-lhes particularmente atractivos para a agricultura de pequena escala (MAE, 2012) (Mapa 1).

**Mapa 1:** Enquadramento Geográfico da área de estudo.

**Map 1:** Geographical framework of the study area.



**Fonte:** Autor (2023).

**Source:** Author (2023).

O agroecossistema de Guilaze, faz parte da localidade de Chinjinguir e localiza-se geograficamente a sul do distrito de Homoine, Província de Inhambane, na região Sul de Moçambique entre as coordenadas 23°57'50,4 e 23°57'7,2 de Latitude Sul, 35°9'36 e 35°10'19,2 de Longitude Este, e limita-se a Norte pelo povoado de Mubalo; Sul pelo povoado de Macavane; Este pelo povoado de Lixanga e a Oeste pela sede da localidade de Chinjinguir.

## 2.2. Procedimentos metodológicos

Este estudo privilegiou uma pesquisa exploratória abordado de forma qualitativa porque se recorreu a observação directa e as entrevistas para a recolha de dados, bem como a reunião com os produtores do agroecossistema de Guilaze, o que permitiu uma melhor compreensão da realidade local do agroecossistema de Guilaze.

Quanto à natureza optou-se por uma pesquisa aplicada, que de acordo com Castilho *et. al* (2017, p. 17) visa aplicações práticas, com o objectivo de solucionar problemas que surgem no dia-a-dia, que resultam na descoberta de princípios científicos que promovem o avanço do conhecimento nas diferentes áreas. Esta permitiu gerar conhecimentos para aplicações práticas dirigidas a capital social perspetivando a sustentabilidade das comunidades moçambicanas.

Para a recolha dos dados privilegiou-se a amostragem não probabilística, através da técnica *snowball*, ou “bola de neve”, na qual os participantes iniciais do estudo indicam novos participantes do universo a ser estudado, os quais, por sua vez, indicam novos participantes, e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objectivo proposto (Albuquerque *et al.*, 2010).

A definição da amostra foi por acessibilidade, isto é, a amostra apresentada neste estudo corresponde aos agricultores que estiveram presentes nas machambas/ área de estudo nos dias em que se fez a recolha de dados.

Neste sentido, a metodologia de bola de neve privilegiou o facto de ser agricultor em Guilaze, visto que estes deram informações profundas que descrevem o agroecossistema, a contribuição do capital social na sustentabilidade do povoado de Guilaze, a relação entre os produtores.

Também se realizou reuniões e a aplicação de entrevistas aos produtores sobre aspectos como o nível de organização social, a sua coesão, tomada de decisões, género, idade, pessoas de maior influência, confiança, o grau de reciprocidade, o exercício colectivo as instituições que confiam na prestação de serviço ou orientações, união, partilha de bens materiais e respeito.

Para tal foram levantadas as seguintes perguntas norteadoras: Os agricultores de Guilaze ajudam-se nas machambas singulares em troca de mão-de-obra ou pagamentos financeiros? Existem instituições que confiam na prestação de serviço ou orientações? Qual é o nível de organização social dos agricultores de Guilaze? Existe união, partilha de bens materiais entre os agricultores de Guilaze? Como é feita a tomada de decisões neste agroecossistema?

### 3. Resultados e Discussão

#### 3.1. Caracterização do capital social no agroecossistema de Guilaze

Para este estudo, o capital social no agroecossistema de Guilaze é tratado como sendo recursos que surgem de relacionamentos por forma a ajudarem os indivíduos a alcançarem os seus próprios objectivos ou ajudar um colectivo a trabalhar para o alcance de um objectivo comum. É caracterizado pelo reconhecimento de conflitos de interesse, assim como, do potencial em explicar os comportamentos simbólicos carregados de capital económico e cultural como referem Ortega e Matos (2013).

A estrutura social é definida como um conjunto de regras que são postas em acto nas práticas sociais; além disso, em sua definição de estrutura social, Giddens também inclui os recursos de que a sociedade dispõe (Capra, 2002).

De acordo com o mesmo autor, as estruturas sociais são a um só tempo a pré-condição e o resultado inadvertido da actividade dos indivíduos. As pessoas usam-se delas para dedicar-se às suas práticas sociais cotidianas e, assim fazendo, não podem senão reproduzir inadvertidamente essas mesmas estruturas.

Assim, a estrutura social de Guilaze está alicerçada por ligação de parentesco e amizade, evidenciando-se relações de ajuda mútua e trabalho familiar nas actividades de produção. Esta sociedade é consolidada através da confiança entre agricultores, partilha de bens e serviços, reciprocidade e sociabilidade. Evidencia-se também uma estrutura que tem relação com organizações governamentais através do SDAE que presta assistência técnica aos agricultores. Esta organização governamental tem uma relação directa com a comunidade.

O agroecossistema de Guilaze é um espaço onde verifica-se a união dos agricultores que foi construída

sobre confiança que cada um foi depositando aos outros, tendo em vista as necessidades em comum, a troca de favores, a troca de experiências, a tomada de decisões, etc. Daí que neste agroecossistema os agricultores são coesos e ajudam se mutuamente em prol do bem-estar de todos os membros do mesmo.

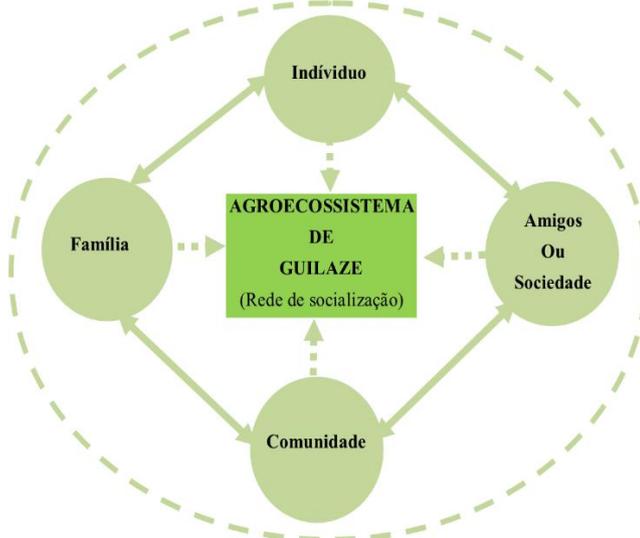
[...] consigo ver a união em diferentes sentidos. Nós os agricultores deste lugar ajudamo-nos em tudo. Por exemplo, no âmbito da colheita dos produtos, quando alguém não produziu certa cultura pode participar na colheita para obter a semente daquela cultura. Quando alguém tem défice de algum equipamento ou semente conseguimos nos ajudar. Isso foi construído ao longo do tempo através da confiança que fomos depositando uns aos outros (comunicação verbal, 2023).

[...] no agroecossistema, existem agricultores que estão mais avançados em termos de técnicas de produção e estes, ajudam os que ainda não conseguem implementar da melhor forma. Sendo assim, nem sempre o extensionista está cá para nos capacitar porque essas pessoas ensinam os outros a aplicarem as novas técnicas de produção nas suas machambas (comunicação verbal, 2023).

[...] o que mais gosto neste local, é me sentir pertencer a um grupo coeso como este, em que todos estamos prontos para nos ajudarmos uns aos outros contribuindo para o bem-estar de todo grupo. Neste local não existem egoístas. Trocamos experiências, ideias, nos ajudamos em termo de insumos, e em técnicas de produção agrícola (comunicação verbal, 2023).

Os resultados da pesquisa, mostram que as organizações sociais presentes no agroecossistema de Guilaze são as famílias nucleares (pais e seus filhos numa casa), os grupos de amigos, e organizações governamentais o que torna possível a existência da comunidade. Esta organização social é a essência da existência do grupo social em que cada agricultor desempenha actividades do colectivo, e a tomada de decisões é estabelecida a nível familiar, da sociedade assim como da comunidade em prol do bem-estar dos indivíduos (Figura 1).

**Figura 1:** Representação esquemática da estrutura social no agroecossistema de Guilaze  
**Figure 1:** Schematic representation of the social structure in the Guilaze agroecosystem



**Fonte:** Elaborado pelo autor (2023).  
**Source:** Prepared by the author (2023).

A rede de socialização representada na figura 1 mostra o indivíduo como unidade mínima que está conectado a uma família e amigos, por sua vez, a família e os amigos estão conectados a comunidade. Isto dá a entender sobre os níveis de inserção e interação dos sujeitos sociais, e as relações entre as famílias dos agricultores de Guilaze.

Para Negrão (s.d.) os agricultores familiares desenvolveram ao longo da história, formas de organização social e de solidariedade, que fortalecem relações de cooperação e de desenvolvimento local, principalmente os que se envolvem com produção de diversas culturas. O que nos remete ao pensamento de Netto e Brás (2009), que para eles “o caráter colectivo do trabalho torna substantivamente social na diversificação de produção agrícola”.

Por tanto, percebe-se nos depoimentos acima, que, há solidariedade entre os agricultores do agroecossistema de Guilaze, a partir a inter-ajuda entre eles, troca de experiências, o convívio que representa um factor chave no desenvolvimento das relações sociais e na vida dos membros do agroecossistema, porque estas relações fazem com que haja uma grande coesão entre os membros em diferentes situações sociais que fazem parte da vida destes. Os agricultores do agroecossistema de Guilaze desenvolvem entre si uma confiança recíproca e prestação de serviços recíprocos, ou seja, laços de amizade e solidariedade. É importante salientar ainda que esta prestação de serviços recíprocos depende da relação existente entre os agricultores porque, estes confiam nos membros com os quais mantêm uma relação de proximidade.

No agroecossistema de Guilaze, verifica-se a união dos agricultores, tendo em conta as necessidades em comum, e troca de experiências assim como a tomada de decisões. Esta cooperação é regulada pelo princípio da reciprocidade, em que há retribuição entre os agricultores por qualquer benefício prestado, seja de forma imediata, ou em outro momento.

Corroborando com Coleman (2001) cit. em Langbecker (2021), a cooperação entre os agricultores influencia nas transformações sociais, dos costumes, das crenças e dos comportamentos vigentes em uma dada sociedade, há medida que os agricultores vão trocando relações de amizade e experiências da vida. Ainda Putman (2000), argumenta que através da cooperação, todos que podem estar em apuros, saem ganhando. Assim nas localidades de pouco desenvolvimento económico, estrutural e ambiental, por exemplo organizações sociais podem ser de bom usufruto para geração de outros capitais, inclusive financeiro para todos.

Em suma, os agricultores do agroecossistema de Guilaze procuram nas suas actividades produtivas contribuir para fortalecer os laços de amizade e solidariedade, unir esforços, trazer melhorias no agroecossistema e defender os interesses de todo grupo pois, de acordo com Putman (2000), a falta de confiança no outro e de espírito cívico pode arruinar acções cooperativas entre pessoas e, por consequência, resultar em diversos problemas individuais e colectivos.

Quanto a gestão democrática, no local de estudo a escolha da liderança não é aleatória. Participam alguns princípios como a origem, as qualidades, a identidade social. Assim, para a organização e gestão de conflitos na comunidade existe um líder (secretário do bairro), que representa na comunidade forte “massa pensante” associada a um bom nível de responsabilidade.

É correcto afirmar que existe uma relação entre o capital social e a produção no agroecossistema de Guilaze, na medida em que os agricultores desenvolvem uma capacidade de gerar e manter relações necessárias para existência da força de trabalho dentro do agroecossistema, sendo que a produção agrícola neste agroecossistema, deve ser entendida como um processo dinâmico, catapultado pela existência de interdependência entre as actividades produtivas tendo em conta os factores bióticos e abióticos e da existência de força de trabalho com capacidade de produzir para o auto-consumo e abastecer os mercados, e, ao mesmo tempo incrementar a economia dos agregados familiares pois, Putnam (2003), qualifica como capital social os aspectos das redes sociais e as normas de reciprocidade a elas associadas porque, tal como o capital físico e humano, cria valor individual e colectivo (recursos reais ou potenciais das pessoas, grupos e relações sociais). Tratam-se de benefícios que o capital social gera para o indivíduo ou afectam a esfera de actividade de um ator: informação (facilitando a difusão ou limitando-a); influência e controle dentro da parte da estrutura social que foi apropriada como capital social; solidariedade social (benefícios de ajuda mútua e confiança generalizada); conhecimento e reconhecimentos mútuos, etc. (p.14).

Quanto a parcerias, o agroecossistema de Guilaze com o SDAE e amigos (Figura 2). O SDAE de

Homoíne a subsidia sementes e formação em novas técnicas de produção agrícola e abertura de espaços agrícolas. Os agricultores mantêm conexões, principalmente com famílias, vizinhos e outros, o que pode ser justificado pelas capacitações e reuniões que os extensionistas têm promovido no agroecossistema por forma a transmitir novas formas de produção e convivência. No entanto, observa-se que no agroecossistema de Guilaze não há predominância do individualismo, sendo que as relações de cooperação são evidentes.

À luz do Objetivo oito (8) dos ODS “Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo, e trabalho decente para todos”, o SDAE de Homoíne presta assistência técnica, e à capacitação dos agricultores, em matérias das novas técnicas de produção agrícola.

Dentro do agroecossistema de Guilaze, a existência de relações entre agricultores permite perceber indícios da presença do capital social, sendo que os agricultores se mostraram empenhados no fortalecimento e constituição dos laços e conexões. Assim, os produtores demonstram entender o significado da reciprocidade a partir dos apoios prestados e recebidos entre eles. Contudo, no agroecossistema de Guilaze, não se evidencia a organização social dos agricultores em associações, cooperativas ou empresas formais.

Para além de famílias e amigos evidencia-se no agroecossistema a existência do SDAE; cujo objectivo é promover e garantir o acesso a assistência técnica aos agricultores e, a família e amigos promovem o compartilhamento dos benefícios sociais alcançados (Figura 2).

**Figura 2:** Representação esquemática de organizações que actuam no agroecossistema de Guilaze  
**Figure 2:** Schematic representation of organizations operating in the Guilaze agroecosystem



Fonte: Autor (2023).

Source: Author (2023).

A renda na produção agrícola em relação aos benefícios sociais serve para a venda, assim como sustento familiar e o valor da renda é aplicado para suprir diversas necessidades que afligem os agricultores.

[...] temos relações com o Ministério da Agricultura que através do SDAE, nos proporcionam extensionistas que nos ajudam em novas técnicas de produção agrícola através de capacitações e reuniões que este têm realizado com os agricultores deste lugar. Para além disso existem mercados onde comercializamos a nossa batata assim como outros produtos que produzimos (comunicação verbal, 2023).

Estes resultados corroboram com os aspectos mais destacados na versão do capital social proposta por

Putnam, que foram suas relações com a confiança, normas e sistemas possibilitando com ações coordenadas por parte das diferentes organizações sociais como referem Silva; Moutinho; Branco (2016). No entanto Pellin, Alcântara e Gonçalves (2016), referem que há uma dependência directa com as relações sociais e institucionais estabelecidas entre os agentes em que, levando em conta a abordagem territorial do desenvolvimento, o capital social aparece como elemento formador de um território.

### 3.2. Tipo de capital social existente no agroecossistema de Guilaze

Como afirmam Pellin, Alcântara e Gonçalves (2016), o capital social é revelador de elementos intangíveis que irão configurar as características da cooperação, confiança, articulações dentre outros elementos dentro de um território, fundamentais para se pensar em alternativas de desenvolvimento territorial.

Diante do quadro exposto, no agroecossistema de Guilaze, verifica-se que os agricultores mantêm conexões, principalmente com famílias, vizinhos e outros, o que pode ser justificado pelas capacitações e reuniões que os extensionistas têm promovido no agroecossistema por forma a transmitir novas formas de produção e convivência. No entanto, observa-se que no agroecossistema de Guilaze não há predominância do individualismo, sendo que as relações de cooperação são evidentes.

Verifica-se interesse por parte dos agricultores em participar de actividades promovidas no agroecossistema, o que colabora no estabelecimento de laços que são importantes para a expansão e força das redes e para geração de novas ideias no processo produtivo.

De acordo com Higgins (2003) cit. em Langbecker (2021), existem três tipos de capital social: as obrigações (e seus diferentes graus de reciprocidade), expectativas e lealdades, em segundo momento os canais de informações (redução de custos em função das pessoas que possuem as informações pertinentes) e, por último, as normas (inibição de comportamentos negativos) e sanções estabelecidas.

As obrigações contam com diferentes graus de reciprocidade, levando em conta o tempo e o motivo: como quando uma pessoa A faz algo para outra B e confia que B dê um retorno do favor no futuro, ou quando entre amigos A empresta o carro para B e B o devolve com o tanque de gasolina cheio, ou quando num senso de colegialidade A lê os escritos de B e vice-versa.

Neste sentido, dentro do agroecossistema de Guilaze, a existência de relações entre agricultores permite perceber indícios da presença do capital social das obrigações, expectativas e lealdades Higgins (2003) cit. em Langbecker (2021), sendo que os agricultores se mostraram empenhados no fortalecimento e constituição dos laços e conexões. Assim, os produtores demonstram entender o significado da reciprocidade a partir dos apoios prestados e recebidos entre eles.

De acordo com Higgins (2003) cit. em Langbecker (2021), este tipo de capital social diz respeito a diferentes graus de reciprocidade, isto é, ao banco de favores que se forma, quando os sujeitos colaboram uns com os outros em determinada rede de relações sociais porque nutrem entre si um sentimento de confiabilidade.

Os sujeitos sociais avançaram que, com o valor ganho da venda investem em poupança mensal “*xitique*” que é uma actividade que complementa a actividade de produção agrícola desenvolvida pelos agricultores do agroecossistema de Guilaze, como forma de reforçar cada vez mais as suas economias sendo que, cada integrante neste grupo de poupança vai tirando o valor para outros membros mensalmente até que chegue o seu mês de receber.

Segundo Allen & Staehle (2011) grupos de poupança e crédito referem o conjunto de pessoas que se reúnem por afinidade, vizinhança ou associativismo em actividades socioeconómicas para realizarem operações de poupança, crédito e pagamento de juros associados ao crédito (p.139-140).

No agroecossistema de Guilaze, o valor a poupar “*ticar*” é acordado a nível do grupo e, o valor poupado é usado para financiar as despesas familiares como alimentação, saúde e educação do agregado familiar, aquisição de diversificados bens duradouros, construção de habitações. Por tanto, esta prática constitui uma fonte de rendimento que garante a subsistência dos agregados familiares dos produtores, sendo que estes a

praticam conscientes das vantagens que os proporciona, visto que para além dos ganhos directos arrolados, garante maior coesão entre os agricultores, a partir da troca de experiências, relações de amizade, etc. Esse tipo de capital social é descrito por Putnam (2003) como sendo “capital social voltado para dentro” que tende a fomentar interesses materiais, sociais ou políticos de seus próprios membros. São grupos organizados por categorias étnicas, sexuais ou de classe, cujo objectivo é preservar ou fortalecer laços de pertencimento e posição (grupo de crédito informal).

### *3.3. Condição de não sustentabilidade do capital social no agroecossistema de Guilaze*

Corroborando com Portes (2000) cit. em Langbecker (2021), que refere o capital social como possíveis implicações positivas, para o indivíduo e para a comunidade, decorrentes da participação e do comprometimento em grupos; no agroecossistema de Guilaze, evidentemente existe uma coesão entre os sujeitos sociais que foi construída sobre confiança, tendo em vista as necessidades em comum, a troca de favores, a troca de experiências, a tomada de decisões. Daí que neste agroecossistema os agricultores são coesos e ajudam-se mutuamente em prol do bem-estar de todos os membros do mesmo.

Contudo, embora haja a coesão e o trabalho mútuo entre agricultores, não há um despertar destes para outros factores sociais como a formalização ou organização destes em associações ou cooperativas, garantia de renda fixa, benefícios sociais, garantia da aposentadoria, garantia de cuidados de saúde, etc.

Diante do exposto, o capital social do agroecossistema de Guilaze é considerado não sustentável porque evidentemente não há garantia da questão social, os agricultores não estão organizados em associações, trabalham de forma informal, não há garantia de renda fixa, entre outros aspectos que concorrem para a insustentabilidade do capital social.

## **4. Conclusão**

No agroecossistema de Guilaze, a estrutura social está alicerçada por ligação de parentesco e amizade, evidenciando-se relações de ajuda mútua e trabalho familiar nas actividades de produção. Esta sociedade é consolidada através da confiança entre agricultores, compartilha de bens e serviços, reciprocidade e sociabilidade. Evidencia-se também uma estrutura que tem relação com organizações governamentais através do SDAE que presta assistência técnica aos agricultores.

As organizações sociais presentes na comunidade de Guilaze são as famílias nucleares (pais e seus filhos numa casa), os grupos de amigos, e organizações governamentais o que torna possível a existência da comunidade. Dentro do agroecossistema de Guilaze, a existência de relações entre agricultores permite perceber indícios da presença por um lado do capital social das expectativas, obrigações e confiabilidade, um tipo de capital social que diz respeito ao banco de favores que se forma, quando os sujeitos colaboram uns com os outros em determinada rede de relações sociais porque nutrem entre si um sentimento de confiabilidade e, por outro do capital social voltado para dentro” que tende a fomentar interesses materiais, sociais ou políticos de seus próprios membros. São grupos organizados por categorias étnicas, sexuais ou de classe, cujo objectivo é preservar ou fortalecer laços de pertencimento e posição (grupo de crédito informal).

Contudo, embora haja a coesão e o trabalho mútuo entre agricultores, não há um despertar dos agricultores para outros factores sociais importantes como: a formalização ou organização destes em associações ou cooperativas, benefícios sociais, garantia da aposentadoria, garantia de cuidados de saúde, educação, inserção dos jovens na produção agrícola, etc.

## **5. Agradecimentos**

Agradeço a Deus por todas as oportunidades concedidas a mim, pela força e tranquilidade nos momentos de fraqueza e dificuldades. Ao Governo do Distrito de Homoine, que nos acolheu para prestar ajuda, partilha de

conhecimentos para a concretização desta pesquisa. Aos agricultores do agroecossistema de Guilaze, pelo tempo gasto nas entrevistas. Muito obrigado. Um agradecimento especial a Revista Educação Ambiental (Brasil), por ser uma plataforma digital fundamental para a publicação de trabalhos científicos pautada por um elevado e rigoroso nível científico.

## 6. Referências bibliográficas

Albuquerque, U. P., Lucena, R. F. P & Lins Neto, E. M. F. *Seleção dos participantes da pesquisa*. In: Albuquerque, U. P., Lucena R. F. P. & Cunha, L. V. F. C. (Ed.): Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica: 21-38. NUPEEA, Recife., 2010.

Allen, H. & Staehle, M. *Associações Comunitárias de Poupança e Empréstimo (ACPE). Guião de Formação do Agente Comunitário*. VSL Associates., 2011.

Capra, F. *As Conexões Ocultas: ciência para uma vida sustentável*. Ed. Cultrix. São Paulo-SP. p. 296., 2002.

Castilho, A. P., Borges, N. R. M., Pereira, V. T. (orgs.). *Manual de metodologia científica do ILES/ULBRA Itumbiara-GO*. 3.ed. Itumbiara: ILES/ULBRA., 2017.

Holanda, F. S. R. *A gestão dos recursos hídricos e a sustentabilidade de agroecossistemas*. Informe UFS, São Cristóvão, ano IX – Nº312., 2003.

Langbecker, T. B. *Capital social: perspectivas, críticas e potencialidades*. (2021). Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales. 2021. En línea: <https://www.eumed.net/es/revistas/contribuciones-ciencias-sociales/febrero-2021/capital-social>.

MAE. *Perfil do Distrito de Homoíne*., 2012.

MOÇAMBIQUE. Ministério da Agricultura. *Resultados do inquérito agrário integrado (IAI)– Fase II*. Maputo., 2012.

Mosca, J. *Agricultura familiar em Moçambique: Ideologias e políticas*., 2014.

Negrão, J. *Modelo de Comportamento econômico da família Rural Africana*. Disponível em: [https:// www.iid.org.mz](https://www.iid.org.mz) / Acesso: 9. 08., 2018.

Ortega, Antônio César; Matos, Vitor Alberto. *Território, desenvolvimento endógeno e capital social em Putnam e Bourdieu*. Política e Sociedade, Florianópolis, 12 (24)., 2013.

Pellin, Valdinho; Alcantâra, Liliane Cristine Schmeler; Gonçalves, Débora Fitipaldi. *Contribuições do capital social para o desenvolvimento territorial*. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, 10 (4), 52-70., 2016.

Putnam, R. *El declive del capital social: un estudio internacional sobre las sociedades y el sentido comunitário*. Barcelona: Nueva Galaxia Gutenberg., 2003.

Vinuto, J. *A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto*. Temáticas, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220., 2014.